

ARTIGO

# Atividade leiteira no território de identidade Vale do Jiquiriçá - Bahia: Um estudo sobre a economia local

Carlos Vinicius Marques Santos<sup>†</sup>, José Raimundo de Oliveira Lima<sup>‡</sup>

## Resumo

O presente trabalho objetiva fazer uma análise sobre a atividade leiteira no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, localizado no estado da Bahia, estudando as características da economia local. A pesquisa foi delimitada a partir de um recorte em três municípios – Ubaíra, Santa Inês e Jiquiriçá – a fim de considerar a importância da produção leiteira e a aproximação desses municípios entre si, com alguns produtores e o mercado consumidor. O recorte se deu em virtude do grau de aproximação dos pesquisadores com esses municípios, e do maior alcance dos produtores locais. Para consecução dos resultados, utilizou-se a metodologia de estudo de caso alinhada com uma pesquisa descritiva/explicativa por meio de questionários e entrevistas com os produtores desses municípios. O embasamento teórico considerou as referências específicas da área. Os principais resultados foram encontrados na articulação entre as questões culturais e de subsistência entre os produtores e a atividade leiteira no Vale do Jiquiriçá, instituindo-se mais uma relação de pertencimento do que puramente econômica, visto que de forma financeira, não se tem um retorno tão visível e significativo.

**Palavras-chave:** Vale do Jiquiriçá; Produção Leiteira; Economia Local.

## Abstract

The present work aims to analyze the dairy activity in the Vale do Jiquiriçá Identity Territory, located in the state of Bahia, studying the characteristics of the local economy. The research was limited to three municipalities – Ubaíra, Santa Inês and Jiquiriçá – to consider the importance of dairy production and the proximity of these municipalities to each other, with some producers and the consumer market. The selection was made due to the researchers' degree of proximity to these municipalities, and the greater reach of local producers. To achieve the results, the case study methodology was used aligned with descriptive/explanatory research through questionnaires and interviews with producers in these municipalities. The theoretical basis considered specific references to the area. The main results were found in the articulation between

<sup>†</sup>Economista. Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: carlosviniciusmarques@outlook.com

<sup>‡</sup>Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: zeraimundo@uefs.br  
(Pesquisador Bolsista do CNPq)

cultural and subsistence issues between producers and the dairy activity in the Jiquiriçá Valley, establishing more of a relationship of belonging than a purely economic one, since financially, there is no return so visible and significant.

**Keywords:** Jiquiriçá Valley; Dairy Farming; Local Economy.

## 1. Introdução

Conforme a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA (2018), a partir de estudos sobre o cultivo da terra em pequenas propriedades, os agricultores familiares no Brasil plantam uma grande variedade de produtos que servem, primordialmente, para a sua subsistência. Esses agricultores possuem condições financeiras diversificadas, variando de famílias em extrema pobreza a rendas que superam inúmeras vezes essa linha. Em todo o contexto, a geração de renda advém, exclusivamente, por meio das atividades agropecuárias.

Gois e Miguel (2019) argumentam que a agricultura familiar movimenta e fomenta diversas outras atividades no meio rural, influenciando o desenvolvimento e desdobramentos do local em que está inserida. Nesse sentido, a pluriatividade é uma perspectiva de trabalho que as famílias camponesas poderiam adotar no desenvolvimento das suas diversas atividades<sup>1</sup>.

A agricultura familiar é uma das principais atividades a promover os meios de existência para as famílias. A partir dela, tem-se a geração de alimentos para o próprio consumo e para as vendas (BEZERRA; SCHLINDWEIN, 2017). De acordo com o Censo Agropecuário de 2017 (IBGE, 2017), o valor agregado da produção da agricultura familiar foi de R\$107 bilhões e correspondeu a 23% de toda produção agropecuária brasileira. Ainda de acordo com os dados, 77% dos estabelecimentos verificados foram classificados como agricultura familiar, sendo responsáveis por gerar a ocupação para 10,1 milhões de pessoas, a maior parte concentrada nas regiões Nordeste (46,6%) e Sudeste (16,5%), seguidas das regiões Sul (16,0%), Norte (15,4%) e Centro-Oeste

---

<sup>1</sup> A pluriatividade na agricultura familiar é uma resposta às transformações ocorridas no meio rural, impactando as dinâmicas e os processos de produção. Esse conceito abrange a diversificação de atividades econômicas no campo, além da agricultura, como o turismo rural, a produção artesanal e a prestação de serviços. Essas atividades complementares ampliam as ocupações e as fontes de renda das famílias, reduzindo sua dependência exclusiva da produção agrícola (CONCEIÇÃO, 2020).

(5,5%).

Entre as atividades desenvolvidas pela agricultura familiar, a produção leiteira destaca-se como fundamental para a economia de diversos países, especialmente os países em desenvolvimento. O ramo de produção do leite tem como pilar a agricultura familiar na promoção do desenvolvimento econômico, como afirma a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – FAO (2023).

De acordo com a Organização, a produção leiteira auxilia na subsistência de várias pessoas na agricultura familiar em todo o mundo. Estima-se que a produção de leite advém, em sua maioria, das pequenas propriedades, representando cerca de 80% a 90% do total produzido nos países em desenvolvimento, o que faz com que a produção de leite seja um instrumento que colabora para o desenvolvimento das famílias produtoras.

No Brasil, principalmente para os pequenos proprietários, a atividade leiteira contribui para a redução da taxa de desemprego, já que o segmento gera ocupação nas regiões onde predomina (EURICH; WEIRICH NETO; ROCHA, 2016). Segundo Casari e Tormem (2011), o segmento do leite é indispensável para a renda das pessoas no Brasil, o que é verificável principalmente na agricultura familiar. No Brasil, a produção de leite superou, em 2022, 34.609.218 mil litros, segundo os dados da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM, 2022) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Como característica, o leite é uma substância de alto valor econômico por envolver inúmeras etapas de processamento, ser uma matéria-prima que gera vários derivados e por ser complemento de outros alimentos processados. Em suma, a substância possui um alto valor agregado de nutrientes essenciais para a alimentação do ser humano e promove a geração de renda, principalmente para os pequenos proprietários, que são os que produzem uma quantidade notável responsável por promover uma cadeia de desenvolvimento local (ONU, 2016).

De acordo com os estudos da FAO (2023), o setor leiteiro desencadeia o desenvolvimento em diferentes níveis da esfera do agricultor familiar, tanto em nível regional quanto rural e local. O desenvolvimento regional abrange elementos do território de maneira mais ampla, como componentes geográficos, históricos e ambientais nos quais estão implicados uma gama de agentes.

O desenvolvimento rural faz parte do desenvolvimento regional, todavia, especificamente dentro do contexto do campo, através da promoção de cultivos

sustentáveis (conservação natural e cultural, alimentos saudáveis), melhoramento de acessibilidade a informações e a aquisição de instrumentos como equipamentos ou produtos capazes de estimular as práticas desempenhadas. Desse modo, há a promoção de uma qualificação maior dos agentes no campo e a potencialização do meio rural.

O desenvolvimento local é mais restrito a uma área, e pode ocorrer no meio rural ou não. É caracterizado pela presença de pessoas pertencentes a uma determinada localidade e que são protagonistas das atividades, medidas e ações do lugar, gerando valor econômico, cultural e prezando e estimulando seus meios de subsistência. Nesse sentido, a FAO (2023) salienta que os excedentes de produção viabilizam as demais atividades interligadas e vinculadas ao local, o que se reflete numa melhor qualidade de vida e nos índices positivos de bem-estar, lazer, saúde dos habitantes.

Segundo o Censo Agropecuário 2017 (IBGE, 2017), a produção leiteira no Brasil ultrapassou mais de 30 bilhões de litros, superando marcas estabelecidas desde o primeiro levantamento feito no ano de 1970. Os números mostram que a produtividade do setor vem aumentando ao longo do tempo e mediante avanços técnicos no processo produtivo. Comparado ao Censo Agropecuário de 2006, houve um aumento de 62% da produção. Assim, a capacidade de produção das vacas passou de 1,6 mil litros para 2,6 mil litros por animal no ano de 2016.

Na região Nordeste, em 2022, houve uma produção de leite de 5.723.993 mil litros (PPM, 2022), o que elevou a região à terceira posição entre as grandes regiões produtoras. Ainda conforme dados do PPM de 2022, a produção baiana correspondeu a 1.278.109 mil litros. Na Bahia, a pecuária leiteira está presente em grande parte do território, sendo de fundamental importância nos demais segmentos como a industrialização e comercialização do leite *in natura* e dos seus derivados: “Esse segmento é uma das melhores formas de crescer renda na agricultura familiar, por não necessitar de grandes áreas para produção a exemplo da bovinocultura de corte” (SEAGRI, 2017, p. 1).

No vale do Jiquiriçá, mesorregião do Centro-Sul baiano e microrregião de Jequié, muitos agricultores estão envolvidos com a atividade leiteira e seus efeitos podem ser observados em diferentes esferas. Para entender melhor a importância do setor e seus benefícios para a região, propõe-se a seguinte questão: Quais são os efeitos da atividade leiteira no Vale do Jiquiriçá para a economia local?

Bassotto *et al.* (2022) sinalizam que a atividade leiteira pode gerar o desenvolvimento no meio rural quando utilizada de forma eficiente, levando em consideração o máximo de fatores a seu favor, sendo os conhecimentos em zootecnia o principal deles. Os autores sinalizam que a maior dificuldade dos produtores está nesse âmbito, o que influencia diretamente na produtividade.

Para os estudiosos, o desenvolvimento local pode ser entendido como um fenômeno em que os produtores conseguem gerar sua própria renda e novos postos de ocupações e, ao mesmo tempo, melhorar a dinâmica econômica e social das suas regiões. Assim, a atividade leiteira precisa respeitar esses critérios para possibilitar vantagens nos locais onde está empregada.

A importância deste estudo reside na sua contribuição para a literatura acadêmica sobre a temática abordada e pela sua dimensão técnica que pode colaborar para a formulação de políticas públicas assertivas para a atividade leiteira no Vale do Jiquiriçá. Assim, a pertinência deste artigo está relacionada à difusão do conhecimento acerca da temática da Economia e da Agricultura familiar nos municípios considerados.

Portanto, considerando a relevância da atividade leiteira para a geração de ocupação e renda, e sua prática no território baiano por meio da agricultura familiar, este trabalho teve como objetivo principal analisar a atividade leiteira no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá levando em conta suas implicações para a economia local.

Estruturalmente, este trabalho está dividido em quatro seções. Esta introdução, que contém as ideias iniciais do estudo bem como sua contextualização, o problema, a justificativa e os objetivos da pesquisa. A segunda seção, Materiais e Métodos, apresenta os processos metodológicos aplicados no estudo: os instrumentos, ferramentas e formas de desenvolvimento da investigação assim como a amostra, a delimitação e caracterização do espaço e das variáveis utilizadas.

Em seguida, a seção Resultados e discussões apresenta e discute as informações obtidas através de estudos de outros autores na área. Nas Conclusões, última seção deste artigo, os pontos mais relevantes do estudo são sintetizados, e novas pesquisas sobre o tema são sugeridas.

## 2. Materiais e Métodos

A delimitação do estudo considerou os produtores de leite em três municípios do Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá que são tradicionalmente reconhecidos pela atividade: Jiquiriçá, Santa Inês e Ubaíra. Foi realizada uma pesquisa de campo através de questionários e entrevistas com os principais agentes e atores locais envolvidos na atividade leiteira. A delimitação justificou-se pela aproximação dos pesquisadores com os produtores locais e a acessibilidade na busca de informações. Ademais, as regiões estão próximas geograficamente estão interligadas pela produção leiteira (SecultBA, 2023).

Do ponto de vista da sua natureza, esta pesquisa é aplicada, pois se dispôs a levantar novas informações e soluções de problemas peculiares a determinados municípios do Vale do Jiquiriçá a longo prazo. Tendo em vista os objetivos, é uma pesquisa descritiva e explicativa, já que tratou de descrever e explicar a dinâmica de produção de leite nos referidos municípios apontando suas relações com a economia local e os principais problemas enfrentados pelos envolvidos na atividade leiteira na região.

A cronologia da pesquisa obedeceu às seguintes etapas: 1) Pesquisa Bibliográfica/Documental; 2) Pesquisa de campo com Aplicação do Questionário/Entrevista; 3) Tabulação dos resultados e 4) Análise e Interpretação.

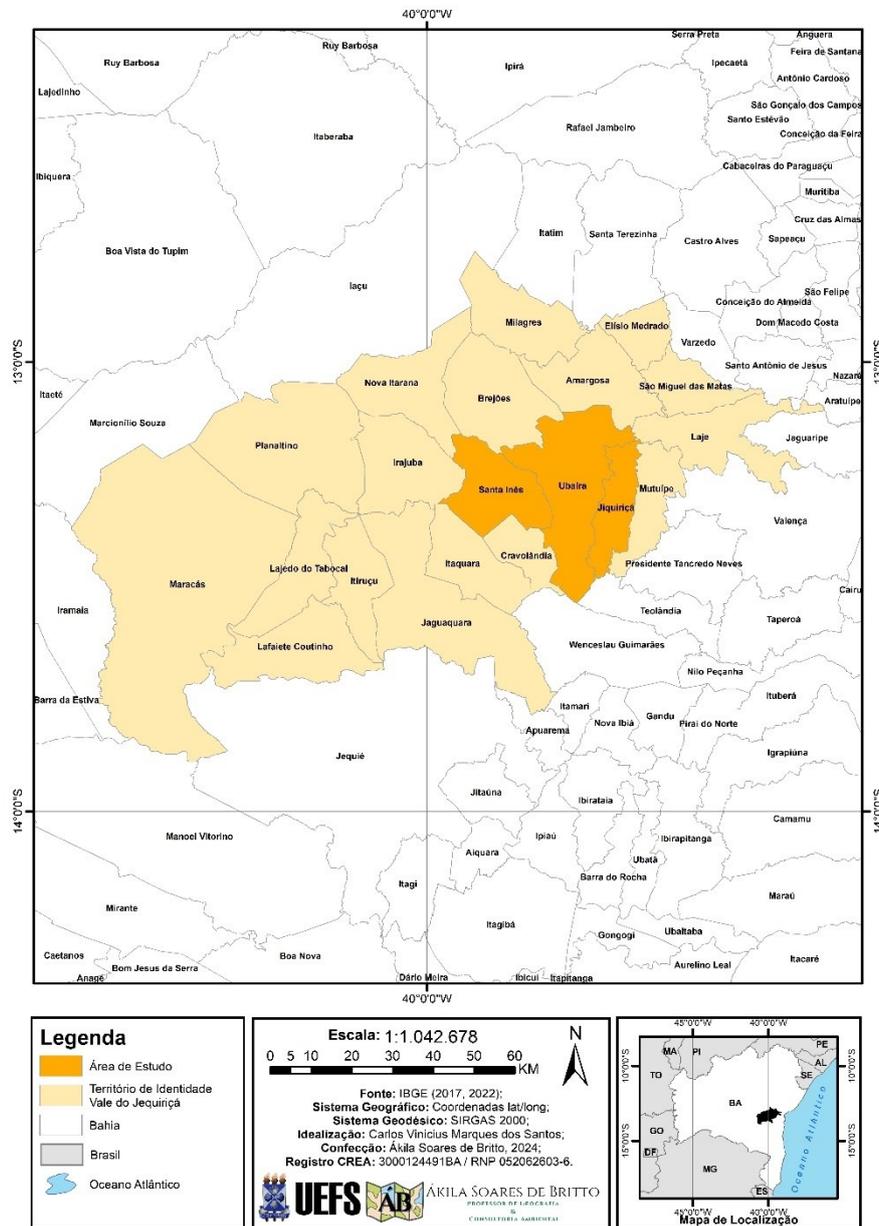
A pesquisa secundária ocorreu por consulta às fontes do IBGE, SEAGRI, SecultBA, ONU, SETAF, FAO, SEI e o Censo Agropecuário. A pesquisa bibliográfica foi realizada nas plataformas *Scielo* e Google Acadêmico a partir dos descritores “Agricultura Familiar”; “Produção Leiteira e Desenvolvimento Territorial”; “Vale do Jiquiriçá”; “Desenvolvimento Local”; “Plurativismo na Agricultura Familiar” e “Produção Leiteira e Desenvolvimento”. Os dados primários (entrevistas) foram coletados, organizados e interpretados de forma sequencial.

### 2.1. Localização e caracterização da área de estudo

Localizado na região Nordeste, o Território de Identidade Vale do Jiquiriçá– BA (Figura 1) possui extensão total de 10.287.07 mil quilômetros quadrados e é uma região que abrange 20 municípios: Amargosa, Brejões, Cravolândia, Elísio Medrado, Irajuba,

Itaquara, Itiruçu, Jaguaquara, Jiquiriçá, Lafaiete Coutinho, Laje, Lajedo do Tabocal, Maracás, Milagres, Mutuípe, Nova Itarana, Planaltino, Santa Inês, São Miguel das Matas e Ubaíra (SEI, 2011).

Figura 1. Representação dos municípios do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, em relação a Bahia



Fonte: IBGE (2017;2022) e Secretária de Cultura (2023).

A região do Vale do Jiquiriçá conta com uma grande quantidade de produtores rurais cuja renda vem principalmente da produção agrícola e da relação com o campo. Desde a origem do Vale, as atividades rurais garantem a subsistência para as pessoas que o constituem (LIMA; GERMANI, 2013).

A **tabela 1** contém as informações da população total dividida entre a região urbana e rural dos municípios que fazem parte do Vale do Jiquiriçá. Em 2010, a população rural se concentrava em 11 municípios. Nos outros 9, maior parte da população se concentrava na zona urbana. Dos municípios selecionados nesta pesquisa, apenas em Santa Inês há um maior número de residentes na zona urbana. Nos municípios de Ubaíra e Jiquiriçá a maior parte dos habitantes está concentrada nas zonas rurais.

**Tabela 1.** Dados demográficos do Vale do Jiquiriçá-BA, dividido por municípios nos anos de 2000 e 2010

Município	Área (Em Km <sup>2</sup> )	2000			2010		
		P. Total (Hab.)	Urbana (Hab.)	Rural (Hab.)	P. Total (Hab.)	Urbana (Hab.)	Rural (Hab.)
Amargosa	463.19	30,748	20,827	9,921	34,351	24,891	9,460
Brejões	480.83	15,324	4,576	10,748	14,282	4,937	9,345
Cravolândia	162.17	4,984	3,000	1,984	5,041	3.180	1,861
Elísio Medrado	193.53	7,849	2,517	5,332	7,947	3,248	4,699
Irajuba	413.52	6,362	2,717	3,645	7,002	3,273	3,729
Itaquara	322.98	7,854	4,159	3,695	7,678	4,608	3,070
Itiruçu	313.71	13,595	9,876	3,719	12,693	9,526	3,167
Jaguaquara	928.24	46,590	35,067	11,523	51,011	38,850	12,161
Jiquiriçá	239.40	13,614	4,587	9,027	14,118	5,581	8,537
Lafaiete Coutinho	405.39	4,103	1,922	2,181	3,901	2,104	1,797
Laje	457.74	19,583	5,135	14,448	22,201	6,080	16,121
Lajedo do Tabocal	431.90	8,092	4,603	3,489	8,305	5,149	3,156
Maracás	2,253.09	31,612	18,459	13,153	24,613	17,717	6,906
Milagres	284.38	12,103	9,385	2,718	10,306	7,789	2,517
Mutuípe	283.21	20,462	8,985	11,477	21,449	9,659	11,790
Nova Itarana	470.44	6,677	2,495	4,182	7,435	2,715	4,720
Planaltino	927.02	7,960	2,988	4,972	8,822	3,640	5,182
Santa Inês	315.66	11,020	10,368	652	10,363	9,514	849
São M. Matas	214.41	10,001	2,771	7,230	10,414	3,360	7,054
Ubaíra	726.26	20,577	7,998	12,579	19,750	8,822	10,928
Total	10.287.07	299.110	162.435	136.675	301.682	174.633	127.049

**Fonte:** Elaboração com base nos dados do PPM-IBGE (2022).

Analisando comparativamente os dados de 2010, a concentração populacional nas zonas rurais e urbanas correspondeu a 50% na zona rural e 50% na zona urbana. Isto é, 10 municípios tiveram uma concentração maior da sua população na zona rural enquanto outros 10 na zona urbana. 1 município apresentou redução na população da zona rural em comparação ao ano de 2000. Em Ubaíra e Jiquiriçá, a maior parte da população se manteve concentrada na zona rural. No município de Santa Inês houve uma queda do contingente populacional geral, com diminuição da população urbana e aumento da população rural.

As diferenças nos contingentes populacionais são resultantes da diversidade das formas de organização de vida da população articuladas desde a colonização do Vale.

Nesse sentido, a variedade cultural, econômica e política da população reflete os modelos de produção existentes na região, com predominância da agropecuária como fonte de renda. Ainda que haja estabelecimentos do modelo produtivo de larga escala no Vale, a agricultura familiar tem peso no quesito geração de renda (SEAGRI, 2015).

A tabela 2 contém os dados do valor da produção agropecuária nos municípios do Vale do Jiquiriçá.

**Tabela 2.** Valor da produção dos estabelecimentos agropecuários da Agricultura Familiar (mil reais) nos municípios do Vale do Jiquiriçá, em 2017\*

Município	Valor total*
Amargosa	16.932
Brejões	6.469
Cravolândia	962
Elísio Medrado	6.477
Irajuba	3.667
Itaquara	3.758
Itiruçu	3.222
Jaguaquara	28.267
Jiquiriçá	13.173
Lafaiete Coutinho	4.909
Laje	33.810
Lajedo do Tabocal	6.484
Maracás	15.092
Milagres	764
Mutuípe	23.161
Nova Itarana	2.469
Planaltino	11.585
Santa Inês	880
São Miguel das Matas	15.650
Ubaíra	16.609
Total	214.340

**Fonte:** Elaboração com base nos dados do Censo Agropecuário (2017) -IBGE (2022). Nota:\*Referência da tabela no SIDRA-IBGE (6897).

Laje se destaca na produção com o valor de R\$ 33.810,00 mil reais oriundos da agricultura familiar, ao passo que Milagres apresenta o menor valor de produção, computando R\$ 764,00 mil reais. Em uma análise geral, existe uma discrepância nos municípios: enquanto alguns se destacam com produções acima da casa dos R\$ 15. 000, 00 mil reais, outros estão abaixo dos 5.000,00 mil. Dentre alguns fatores implicados nessa variação estão a diferença no contingente populacional geral e a diferença de concentração nos meios rural e urbano, assim como a diferença de produtos comercializados por cada um.

No que se refere aos municípios considerados nesta pesquisa, Santa Inês tem uma área de 315,66 km<sup>2</sup> e está localizada a 291 km da capital. O abacaxi é um dos principais produtos cultivados, além do maracujá, da mandioca e da banana. Os principais rebanhos no município são os frangos, caprinos e bovinos, destacando-se a produção de leite, ovos e carne. Já Ubaíra está localizada a 252 km da capital e tem uma área de 726,26 km<sup>2</sup>. Seus principais produtos agrícolas são o tomate, o maracujá, a mandioca e a banana. Os principais rebanhos no município são frangos, bovinos e suínos e, assim como Santa Inês, os principais produtos de origem animal são os ovos, a carne e o leite. Jiquiriçá possui uma área de 239,40 km<sup>2</sup> e está localizada à 240 km da capital. O município também se destaca pelo cultivo de banana e a criação de bovinos e frangos. (SEI, 2011).

## 2.2. Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas com base em questionário semiestruturado com perguntas de perfil (gênero, idade e raça); gerais (nível da produção leiteira e quantidades de funcionários) e específicas (dificuldades enfrentadas, necessidade de apoio ou suporte e a relação da localidade com o meio de produção) alinhando-se aos objetivos da pesquisa. Durante o trabalho de pesquisa, foram entrevistados 25 produtores de leite dos municípios de Jiquiriçá, Santa Inês e Ubaíra.

A amostragem se deu pela metodologia de um estudo de caso múltiplo, em três municípios, levantando as variáveis como economia, âmbito político e social dentro da esfera da atividade leiteira entre janeiro e março de 2023. A pesquisa foi complementada por uma revisão documental e uma pesquisa bibliográfica.

### *2.2.1. Critérios para a amostragem e perguntas que delimitaram às variáveis deste trabalho*

O critério de delimitação da amostra e o conjunto de perguntas que demarcou os questionamentos (variáveis do estudo) se deu pelo método aplicado por Alves (2021). A técnica de pesquisa em dados primários teve como base o alcance de um público-alvo definido: os produtores de leite a partir de uma restrição de dimensão regional (Jiquiriçá,

Ubaíra e Santa Inês). Assim, buscou-se os produtores (fazendeiros) radicados nos municípios e de acordo com o plano de trabalho estabelecido nos objetivos da investigação.

Não houve cálculo para definir um quantitativo mínimo ou máximo de respondentes, pois o maior alcance de entrevistados seria o ideal. Por isso, a amostra foi representativa, sendo contemplados produtores de leite de todos os municípios determinados, o que foi suficiente para desenhar todo o estudo e obter os indicadores desejados. As etapas de análise e discussão ocorreram de forma a contemplar conjuntamente todos os municípios.

A categoria das informações levantadas abrangeu cinco esferas, sendo de fundamental importância os estudos de base primária, conforme salientou Alves (2021). Foram elas: opiniões, atitudes, preferências, valores e satisfação, o que possibilitou a extensão de detalhamento e a clareza das informações obtidas.

### 2.3. Território de Identidade Vale do Jiquiriçá-Bahia

Desde a formação e construção da região, o comércio originado da produção do setor primário movimentou a renda da população e auxiliou na subsistência das famílias no Vale do Jiquiriçá. A prática de cultivo e criação de animais é responsável por um excedente que abarca três esferas principais, sendo a econômica a primeira delas, responsável pela geração de empregos, renda e circulação de capital.

A segunda diz respeito à cultura e à ideologia, pois as mercadorias produzidas na região, como o cacau, banana, carne (predominantemente bovina e suína) e, principalmente, o leite e seus derivados, são símbolos e produtos locais, e estão presentes no conhecimento popular, passado de geração a geração.

A terceira esfera é uma combinação das duas primeiras, sendo um mecanismo e instrumento de intervenção e melhoramento socioeconômico do Vale e seus desdobramentos para o desenvolvimento local (COSTA *et al.*, 2012). Para o Grupo de Pesquisa Geografar (2023, p. 10): a história da ocupação do Vale por um conjunto interligado de famílias é um dos fatores de identidade do Vale do Jiquiriçá, fundamentadas para uma construção socioeconômico da região.

As características que compõem o Território de Identidade Vale do Jiquiriçá tangenciam elementos que foram e ainda são capazes de fomentar a prática da agricultura e pecuária regional. Como exemplo, a qualidade da terra e o clima favorável à diversificação de cultivos e criação de animais. Ademais, há uma logística propícia ao estímulo das trocas comerciais entre a região e as demais partes do estado da Bahia, destacando-se a BR-420 que corta o Vale, que é interligado pela BR-116 e composto pelo entroncamento de Jaguaquara com a BR-101, que faz parte do entroncamento de Laje, configurando, assim, dois pontos fundamentais de transportes de cargas de mercadorias (IBGE, 2023).

Segundo Fernandes *et al.* (2010), o Território de Identidade Vale Do Jiquiriçá, desde a sua formação, é beneficiado pelo acesso ao rio, o que gera dinamismo e estímulos para os agricultores locais. Segundo o Colegiado Territorial do Vale do Jiquiriçá (2017), a atividade leiteira do Vale do Jiquiriçá consegue gerar renda e fortalecer os aspectos econômicos da região. Mesmo não havendo dados quantitativos que possam mensurar os efeitos das práticas dos pequenos produtores no Vale, é possível notar seus efeitos na geração de produtos orgânicos para o consumo e distribuição no estado, possibilitando, assim, a segurança alimentar e a subsistência de diversas famílias.

Para Flores (2014), a dinâmica do território não é perpassada apenas por questões econômicas, mas também por outros elementos como meio ambiente, saúde, educação, lazer/qualidade de vida e processos culturais e ideológicos da população local. Esses fatores podem ser considerados uma mescla de elementos inerentes à região, e configuram um conjunto de intervenções externas que culminam em mudanças nos territórios, e que são capazes de estimular os elementos/produtos locais.

Para Silva (2018) o desenvolvimento local é alcançado quando, a partir do conhecimento dos elementos que compõem o território, são formuladas e construídas alternativas que visem promovê-lo. De acordo com Belo (2017), as políticas públicas formuladas para locais/regiões devem ser capazes de auxiliar e fomentar atividades que beneficiem a população nos diferentes cenários. Dessa forma, o levantamento de informações acerca da determinada região deve preceder a formulação e a proposição de qualquer tipo de intervenção.

Considerando as proposições de Silva (2018) e Belo (2019), este estudo se dispôs a levantar informações e dados sobre os produtores leiteiros no Vale do Jiquiriçá para entender quais são seus efeitos para a economia local no Vale.

Na visão de Domingues (2021), o conceito do desenvolvimento tem passado por mudanças em virtude dos diferentes diálogos sobre a esfera regional e a articulação entre elementos geográficos, históricos e sociais na esfera econômica de determinadas populações. Atualmente é possível entender o desenvolvimento local como uma esfera do regional devido à existência de fatores que valorizam a dimensão espacial dentro de uma delimitação geográfica. Tais fatores possibilitam a emancipação, a difusão e a capacidade de subsistência das pessoas de forma coletiva, seja por componentes qualitativos ou quantitativos. Nesse sentido, não há consumo permanente de recursos que possibilitam a difusão de saberes e informações.

Dentro do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá, a atividade leiteira é um mecanismo para a economia local, tendo em vista os efeitos da produção da matéria-prima e dos seus derivados. Contudo, maiores intervenções para estimular a prática são necessárias em virtude da dimensão social, política e cultural da dinâmica produtiva do Vale do Jiquiriçá: “[...] A cadeia leiteira é uma das mais importantes atividades do setor agropecuário e desempenha função de vital relevância no processo de desenvolvimento econômico e social [...]” (OKANO; VENDRAMETTO; SANTOS, 2013, p. 1).

Segundo o Serviço Territorial de Apoio à Agricultura Familiar-SETAF (2020), no Vale do Jiquiriçá há muitos produtores que possuem rebanhos bovinos leiteiros capazes de abastecer a região e gerar excedentes para outras cidades do estado. O mesmo pode ser observado no desenvolvimento de outros produtos derivados do leite. A relação pode ser vista entre os pequenos produtores e os comerciantes (locais e externos) que levam os produtos para outras regiões do estado.

De acordo com o Grupo de Pesquisa Geografar (2023), para fomentar o desenvolvimento local no Vale do Jiquiriçá é preciso atender a algumas demandas existentes na região e, a partir disso, traçar caminhos e formas para beneficiar a população. Primeiro, é necessário destacar que o processo de consolidação econômica ainda é baseada na agricultura familiar, sendo a produção leiteira responsável pela geração e distribuição de renda e pela minimização da pobreza. Nesse contexto, a produção dos agricultores contribui de maneira significativa para a produção de riquezas.

Ademais, as produções promovem uma valorização da identificação territorial por meio das mercadorias vendidas. Nesse sentido, o estímulo a essa identificação exige a ação de órgãos empenhados na valorização dos produtores locais/regionais.

Conforme a pesquisa realizada por Correio (2021), o espaço rural, numa perspectiva local/regional, atende grande parte das necessidades referentes à geração de emprego e produção de excedentes, o que se reflete na valorização dos produtos agrícolas e da pecuária nos locais. Mesmo no Brasil, os agricultores familiares apresentam uma grande heterogeneidade, principalmente em seus rendimentos, o que dificulta a intervenção do Estado. Dessa forma, são necessárias adaptações para melhorar a produção e atender às outras demandas.

A atividade leiteira possibilita o desenvolvimento em todas as suas dimensões, perpassando diferentes esferas e contextos. O desenvolvimento econômico pode ser entendido como a melhoria do bem-estar social dos cidadãos, não apenas o aumento da sua renda de forma unicamente quantitativa. Nesse sentido, outros fatores são levados em consideração na discussão sobre o desenvolvimento na esfera humanística e suas relações com o território:

Tal desarrollo (el desarrollo a escala humana) se concentra y sustenta em la satisfacción de las necesidades humanas fundamentales, em la generación de niveles crecientes de autodependencia y em la articulación orgánica de los seres humanos com la naturaleza y latecnología, de los procesos globales com los comportamientos locales, de lo personal com lo social, de la planificación com la autonomía y de la Sociedad Civil conel Estado (MAX-NEEF; ELIZALDE; HOPENHAYN, 1986, P.7).

Por isso, é necessária a atuação do estado no estímulo à população a partir das origens e conceitos do território onde estão localizados. Segundo Elizalde (2016), abordar o tema do desenvolvimento regional é algo complexo, sendo impossível predefinir formas ou métodos para alcançá-lo, pois há uma série de variações de informações e características da população e da localidade que podem e vão repercutir nos objetivos a serem adotados e nas estratégias a serem empregadas. Por isso, o desenvolvimento, dentro de uma realidade delimitada, precisa ser estudado e interpretado para que assim seja possível compreender o que ele significa e as melhores formas de alcançá-lo.

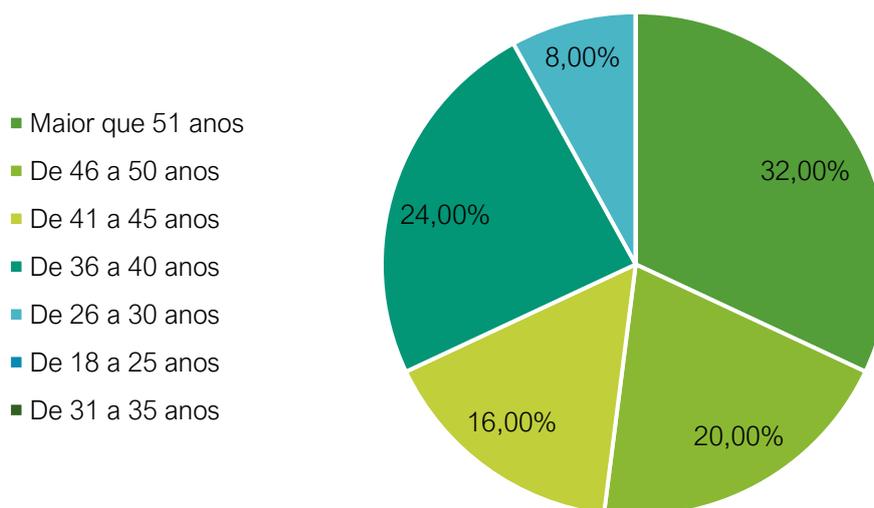
### 3. Resultados e Discussões

A pesquisa levantou informações e analisou dados para, primeiramente, descrever as realidades locais e, a partir disso, analisar e propor sugestões de aperfeiçoamento da produção. Os gráficos a seguir apresentam a sistematização dos dados coletados nos questionários. É importante destacar que a análise considerou os três municípios conjuntamente, e não de forma isolada, uma vez que o cenário da atividade leiteira é único em Jiquiriçá, Ubaíra e Santa Inês.

No que concerne à idade, a figura 2 apresenta os intervalos de idades. Não houve entrevistados com os intervalos de idades 18 - 25 anos.

**Figura 2.** Idade dos entrevistados e seus desdobramentos na gestão e responsabilidade da atividade leiteira no Vale do Jiquiriçá

#### Idade



**Fonte:** Elaboração dos autores (2023)

Há uma variação entre as idades de 26 e maiores de 51 anos, com predominância dos produtores com idade acima de 51 anos (32%), seguidos daqueles na faixa de 36 a 40 anos (24%). Pode-se deduzir que os produtores e comerciantes tendem a ser mais velhos. Nas entrevistas realizadas, os agricultores afirmaram já possuir bastante tempo no ramo. Quanto ao gênero, todos se classificaram como masculino.

Genovez *et al.* (2022) afirmam que a participação dos jovens nas atividades originadas em suas famílias tem aumentado nas últimas décadas, sendo a agricultura o

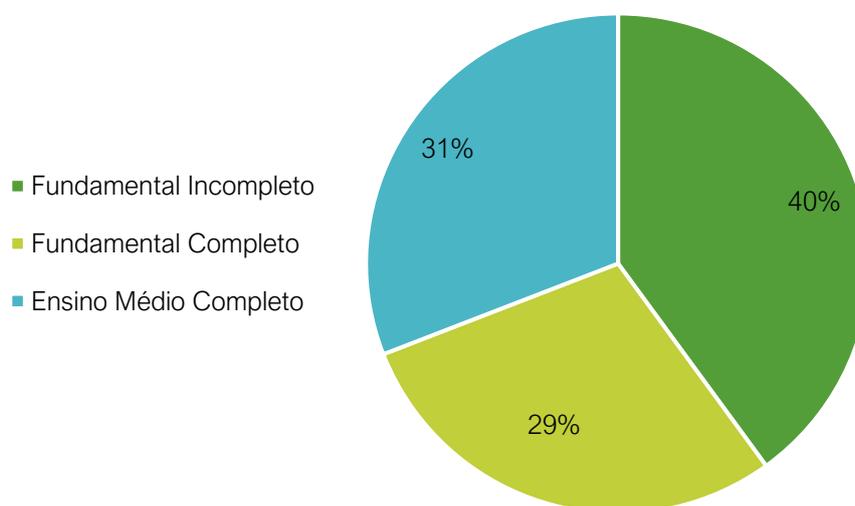
setor com a maior participação nesse crescimento. No entanto, a gestão ainda é majoritariamente realizada por pessoas mais velhas.

Ainda de acordo com os autores supramencionados, a juventude tem um papel importante no campo para a formulação e criação de medidas mais sustentáveis e a implementação de métodos mais atualizados, o que pode ser explicado pelo maior acesso dos jovens a informações e conhecimentos sobre a agricultura familiar. Ademais, assumir as atividades deixadas pelos seus pais é importante para os mais jovens.

A participação dos jovens no meio rural é benéfica, pois uma participação familiar mais atuante nos negócios contribui em escala local para o desenvolvimento econômico do território: “La agricultura vista como una manera de sustento en una escala micro, es propicia desde los sistemas agrícolas tradicionales, ya que en gran medida dependen de la fuerza de trabajo familiar.” (Genovez *et al.*, 2022, p. 4).

**Figura 3.** Nível de escolaridade dos entrevistados e as barreiras do baixo nível de educação com efeito negativo na produção leiteira no Vale do Jiquiriçá

### Nível de escolaridade



**Fonte:** Elaboração dos autores (2023)

A figura 3 apresenta um gráfico que retrata o nível de escolaridade de cada entrevistado. Os que possuem Ensino Fundamental Incompleto representaram um percentual de 40%, seguido por Fundamental Completo com 29% e, por fim, o Médio Completo com 31%. Isso denota que, na região, no que concerne aos agricultores, o nível educacional é baixo, o que repercute na gestão de seus estabelecimentos.

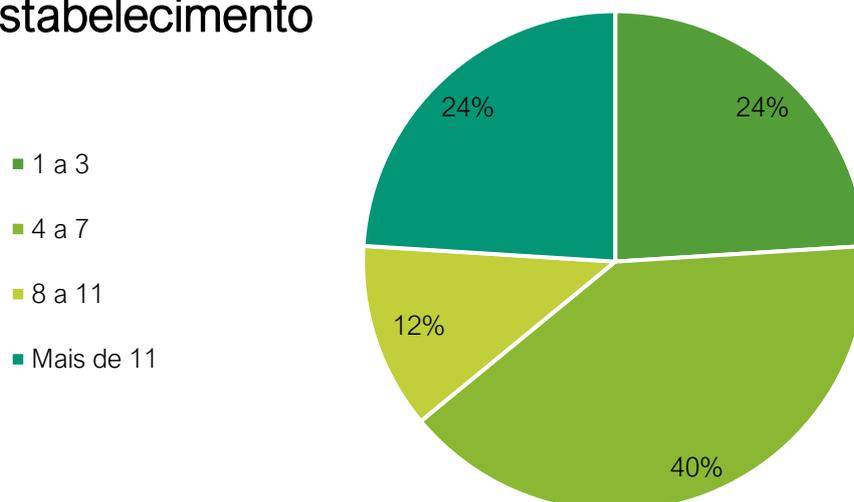
O nível educacional influencia diversas outras esferas e contextos, tais como a busca por informações e direitos básicos de assistência técnica e financeira. A baixa escolaridade é uma variável que dificulta uma produção com níveis tecnológicos maiores, o que afeta o desenvolvimento local e o crescimento econômico.

Sobre a dinâmica das quantidades de colaboradores, a pesquisa quantificou as pessoas beneficiadas pela atividade. A figura 4 apresenta os resultados. A maior quantidade de funcionários varia entre quatro e sete pessoas, correspondendo a 40% dos entrevistados, enquanto a menor quantidade gira entre oito a onze colaboradores (12%). Muitos desses funcionários têm na atividade a fonte exclusiva de renda.

Além disso, a maioria dos trabalhadores é responsável financeiramente pela subsistência das suas famílias (provedores), o que evidencia a importância da atividade leiteira para o setor econômico. Muitos entrevistados trabalham por conta própria e geram ocupação para outras pessoas. No entanto, a maioria dos postos de trabalho ofertados são informais, sem registro na Carteira Profissional.

**Figura 4.** Quantidade de funcionários no estabelecimento leiteiro e seus efeitos na geração de emprego e renda no Vale do Jiquiriçá, exceto o produtor

### Quantidade de funcionários no estabelecimento



**Fonte:** Elaboração dos autores (2023).

A atividade leiteira gera empregos no meio rural e consegue atingir quatro esferas principais: o combate à fome e a migração, igualdade de gênero e subsistência. De acordo com a Global Dairy Platform (2023, p. 18), “El desarrollo de los productos lácteos

contribuye de manera significativa a la reducción de la pobreza, tanto a nivel familiar como comunitário”, tendo em vista que, em média, 80% das pessoas que vivem no campo (produtores) atuam na criação de gado para seu sustento.

Objetivando entender como a renda beneficia os colaboradores e suas famílias e demais pessoas envolvidas direta e indiretamente na atividade, foi levantado o quantitativo de pessoas que compõem a família do proprietário, já que a atividade atende a outras indivíduos. Constatou-se que 6 famílias, o equivalente a 24%, possuem apenas 2 membros, o mesmo percentual das famílias constituídas por 4 pessoas. 12 famílias (48%) apresentam 3 pessoas, e apenas 1 família (4%) apresenta 5 membros. Com essas informações, é possível expandir a visão sobre a importância econômica na região.

48% dos entrevistados são região de Jiquiriçá, 36% de Ubaíra e 16% de Santa Inês. No total, foram entrevistadas 25 pessoas. A variação no número de entrevistados de cada município se deveu às dificuldades para encontrar um quantitativo homogêneo que atendesse à delimitação pretendida no estudo. Assim, alguns locais tiveram mais respondentes do que outros<sup>2</sup>.

Quando questionados se a renda gerada pelo estabelecimento promovia a subsistência de outras famílias, todas os entrevistados responderam afirmativamente, o que é verificável na figura 4, haja vista que há pessoas envolvidas diretamente na atividade, além da participação indireta de colaboradores. No total, a pesquisa considerou cerca de 150 pessoas envolvidas na atividade leiteira nos três municípios.

Os dados se relacionam ao que Dorregão, Salvaro e Estevam (2019) afirmam sobre a atividade leiteira. Para os autores, ela é responsável por gerar desenvolvimento no meio rural, na vida dos agricultores e dos estabelecimentos que produzem leite, contribuindo, dessa forma, para a ocupação de um número maior de pessoas se comparados com outras atividades. Dessa forma, existe uma grande contribuição oriunda da atividade leiteira que gera resultados significativos para toda a região/local. Nesse sentido, os achados da pesquisa condizem com a literatura.

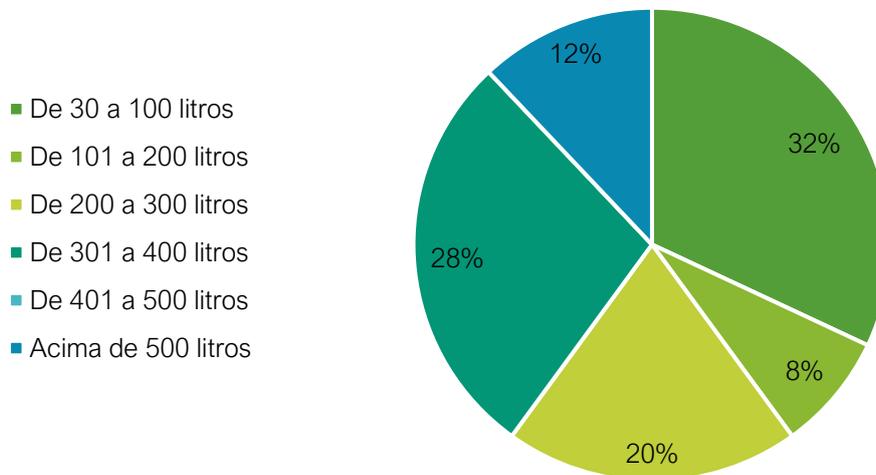
Adentrando em questões mais específicas, a figura 5 apresenta a produção diária de leite em cada propriedade:

---

<sup>2</sup> Alguns proprietários se recusaram a responder o questionário, e as dificuldades logísticas foram fatores que prejudicaram a obtenção de um maior número de respondentes e impediram a homogeneização da amostra entre os municípios.

**Figura 5.** Produção diária de leite por produtor localizado no Vale do Jiquiriçá e sua relação com a produção de derivados na região

## Produção diária de leite



**Fonte:** Elaboração dos autores (2023).

Entre as quantidades produzidas, observou-se uma grande variação nas respostas dos entrevistados. O maior percentual (32%) corresponde à menor produção entre as opções, indo de 30 a 100 litros diários e o menor percentual (8%) entre 101 e 200 litros. No quesito quantidade de produção, 12% geram acima dos 500 litros de leite, uma produção superior aos demais quando analisados.

Como o leite é um produto com alto valor agregado, ele se transforma em outros produtos que serão comercializados por quatro produtores locais, todos eles no município de Ubaíra. Em algumas propriedades, são produzidos mais de 500 litros diários, totalizando mais de 15.000 mil litros por mês, o que representa uma maior produção dos seus derivados.

Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2021), a produção leiteira consegue promover uma cadeia de diferentes produtos e setores na economia, principalmente na vida dos agricultores. O leite é a matéria-prima de diferentes bens, e consegue agregar valor em diferentes cadeias produtivas. Nesse cenário, quanto maior a produção de leite, maior serão os benefícios para os agricultores familiares.

Uma informação importante é que as cidades de Santa Inês e Jiquiriçá não possuem comerciantes de produtos lácteos fabricados por eles próprios e oriundos da matéria-prima local. Os quatro comerciantes localizados no município de Ubaíra

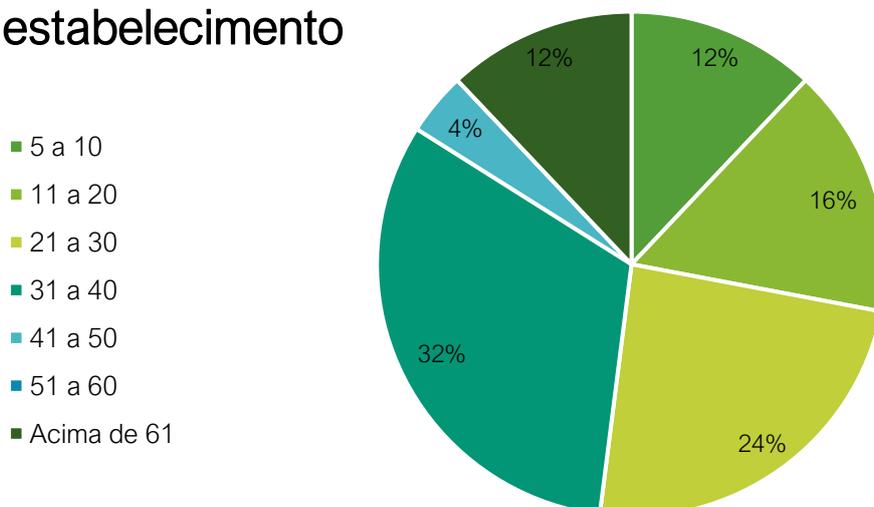
fabricam, entre seus principais produtos, requeijão, queijo e manteiga derivados diretamente do leite, agregando valor e vendendo para todo o Vale. Isso gera valorização dos produtos locais e dinamização da renda, já que o comércio, setor terciário, emprega mais pessoas. Segundo a entrevista realizada com os comerciantes, em cada ponto de venda existem, no mínimo, 4 funcionários, havendo dois estabelecimentos que empregam mais de 8 colaboradores.

Para Alves *et al.*, (2020) o quantitativo da produção do leite nas propriedades rurais é determinado por vários fatores que influenciam diretamente no rendimento dos animais. Segundo os autores, é preciso entender não somente a questão envolvida propriamente com o bovino, como sua genética, raça, idade entre outros fatores, mas também os elementos externos, como o clima, a alimentação (pastagem) e a forma como são manuseados. Todas essas características influenciam na quantidade do leite produzido ou, na acepção dos autores, o “valor bruto de produção de leite”.

Segundo Bacchi (2019), a produtividade é heterogênea, e no que se refere aos pequenos produtores, três variáveis são as mais importantes sobre o resultado da produção do leite: o melhoramento genético, a suplementação alimentar e a aplicação de técnicas. O melhoramento genético e a aquisição de raças mais produtivas está distante da realidade dos pequenos agricultores.

**Figura 6.** Quantidade de bovinos por estabelecimento localizados no Vale do Jiquiriçá e sua relação com a produção de leite na região

### Quantidade de bovinos no estabelecimento



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

No que se refere à quantidade de bovinos em cada propriedade, os números variaram entre 11 até mais de 61 animais. Uma parcela das propriedades possui entre 31 e 40 cabeças de gado (32%) e outra parte menor (12%) com um nível acima de 61. Ao mesmo tempo, 12% possuem entre 5 a 10 cabeças de gado. Há distribuição dos produtores na região estudada é heterogênea, o que se reflete também a categoria da ordenha utilizada, já que em propriedades com poucas cabeças de gado o processo de ordenha manual é o mais adequado. A figura 6 apresenta um gráfico com o quantitativo de animais por propriedade.

Segundo os dados obtidos e as análises realizadas, cada animal, em média, produz em torno de 7-9 litros de leite por dia, valor abaixo da média nacional, que se encontra entre 11,8 litros e 13,9 litros ao dia, podendo alcançar mais de 40 litros (Bacchi, 2019). Todavia, esses valores se alteram na região devido, principalmente, à genética do animal, bem como à comida que o gado ingere.

Os baixos resultados são fruto também da ausência de investimento em melhoramento genético e em pesquisa sobre alimentação e demais fatores que influenciam na produtividade. Como os pequenos proprietários não possuem recursos para aquisição de animais com a capacidade produtiva maior, bem como a falta de conhecimentos para uma alimentação mais rica que possa fazer com que o animal produza mais, os resultados tendem a ser abaixo da média nacional (Andrade, 2014).

Quando questionados sobre o tipo de ordenha realizada no local, os entrevistados, em sua maioria, responderam que realizam de forma manual, 84%, e 16% afirmaram recorrer à ordenha mecanizada. A ordenha manual não utiliza equipamentos em nenhuma das etapas: tudo acontece por meio da ação direta humana. Na ordenha mecanizada as máquinas fazem a extração do leite de forma mais rápida e eficaz, evitando qualquer dano ao animal, uma vez que a extração manual, pode ocasionar dores e ferimentos se o manuseio não ocorrer de forma adequada. A extração mecânica é considerada mais higiênica, uma vez que há pouco contato com o manipulador e menos exposição ao ar, o que evita a contaminação do leite.

A ordenha mecanizada é utilizada na extração de grandes quantidades de leite e atende às exigências da legislação sobre a qualidade do produto. O Regulamento da Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (RIISPOA) define regras e padrões a serem seguidos para o manuseio de alimentos, entre eles, o leite e seus

derivados. De todas as propriedades verificadas, nenhuma realiza a ordenha mecânica canalizada, método de extração em que todo o processo de ordenha é feito por meio de equipamentos e máquinas e não há contato com o meio externo. O produto é ordenhado do animal e vai direto para tanques onde ocorrem os processos de eliminação de bactérias, sujidade e outros elementos que podem prejudicar a substância. Depois, o leite é envazado e direcionado para o processamento de seus derivados.

Lima (2019) afirma que as questões da ordenha da vaca dizem muito sobre nível em que o produtor leiteiro se encontra, pois remete a fatores como higiene e controle das instalações, os conhecimentos e habilidades técnicas e o grau de investimento nas fazendas. Muitos produtores leiteiros do Vale do Jiquiriçá afirmaram que ainda utilizam a retirada do leite de forma manual por dois motivos principais: o primeiro, a falta de recursos financeiros para a aquisição de equipamentos adequados, pois uma estrutura específica para a ordenha mecânica é necessária. O segundo motivo é a falta de conhecimento sobre como e quais máquinas comprar, já que os produtores não têm conhecimento ou assistência técnica para isso.

Sobre a constatação de que nenhum produtor utiliza a mecânica canalizada, vale lembrar o que descreve Andrade (2014) sobre a técnica. Segundo o autor, na mecânica canalizada o leite não tem contato com o ar, utilizando, em todo o processo, máquinas. Esse processo possui algumas vantagens, tais como uma segurança maior, pois há menos risco de o produto ser contaminado, aumento da vida útil e segurança higiênico sanitária. Por outro lado, há fatores possivelmente negativos, como a redução da mão de obra aplicada. De qualquer forma, a pesquisa constatou que há uma predominância do tipo de ordenha manual entre os produtores de Jiquiriçá, Ubaíra e Santa Inês. Essa variável analisada remete a um déficit de equipamentos no âmbito da produção, e uma barreira para uma maior e melhor produtividade.

Quando questionados sobre a disponibilidade de linhas de crédito para auxiliá-los, os produtores foram unânimes ao afirmar que não têm nenhum tipo de assistência ou contrato. Muitos disseram não saber como solicitar ou onde buscar. Alguns relataram que foram até o órgão municipal, contudo, sem apoio e informações claras, não puderam levar suas solicitações adiante.

Dos três municípios estudados, nenhuma cidade tem uma relação clara, transparente e direta com os produtores no que se refere ao fomento de linhas de crédito,

o que é um ponto a ser destacado e revisto pelos órgãos responsáveis. Flores (2014) reforça a importância de haver representantes governamentais nas formulações e intervenções políticas que consigam auxiliar a população na geração de renda e melhoramento nas suas regiões.

Bassotto *et al.* (2022) afirmam que o investimento em tecnologia tem um grande peso sobre a produção do leite em todos os portes das propriedades, porém, como constatado na pesquisa e reforçado pelos autores, a realidade de muitos agricultores não permite alcançar essa conjuntura.

Investigando mais profundamente a origem renda dos proprietários, constatou-se, por meio das entrevistas, que eles não possuem nenhuma outra fonte de rendimento além da produção leiteira. Todos os produtores afirmaram que toda a sua renda e subsistência é oriunda exclusivamente do leite e dos seus derivados comercializáveis. Perguntados sobre há quanto tempo atuam no ramo, todos os entrevistados afirmaram lidar com a produção leiteira desde crianças, muitos assumindo o lugar de seus pais na atividade. Assim, foi possível verificar que a dinâmica de produção faz parte também da cultura dessas pessoas desde sempre.

Visando descrever e compreender quais as principais dificuldades e limitações enfrentadas pelos produtores no que concerne à atividade leiteira, muitos produtores foram instados, durante as entrevistas, a relatar suas inquietações. No trabalho de análise dos dados, foi possível constatar que todas as dificuldades relatadas estão correlacionadas, e tendem a se repetir.

Entre os resultados, estão três fatores principais: i) a falta de conhecimento sobre o manuseio de forma tecnológica, isso porque sentem dificuldade em identificar quais equipamentos e máquinas adquirir; ii) ausência de linhas de crédito disponíveis, o que resulta na inviabilidade da compra e investimento na propriedade, tanto na infraestrutura como em ativos e iii) carência de apoio dos seus municípios, cuja perspectiva econômica, nesse particular, não está articulada à lógica de uma outra forma de desenvolvimento, o desenvolvimento local (LIMA, 2022). Majoritariamente, nenhum dos agricultores beneficia o leite, isto é, agrega valor dentro das suas propriedades, e as dificuldades supramencionadas são o principal motivo para isso.

A última questão considerada na pesquisa se relacionou ao aspecto cultural. Perguntados sobre o que a atividade leiteira simboliza para eles, foi possível perceber

que, além de fonte de renda e de subsistência familiar, a produção de leite simboliza um pertencimento que vai além de uma atividade econômica, alcançando um nível de compromisso e responsabilidade com suas regiões e seus ancestrais, e que é transmitida de geração para geração. Assim, a atividade leiteira simboliza a própria vida e tudo que os produtores possuem.

#### **4. Conclusões**

A pesquisa permitiu levantar e discutir as diversas variáveis e fatores que compõem a atividade leiteira e sua relação com o desenvolvimento local nos municípios estudados. A atividade leiteira no contexto das cidades de Ubaíra, Jiquiriçá e Santa Inês é a principal constituinte de renda de várias famílias, sendo responsável por empregos e geração de trabalho e renda para uma parcela significativa da população. Não obstante as barreiras enfrentadas no desenvolvimento de suas atividades, os produtores da região expressam vontade de crescimento e desenvolvimento dentro do setor, e a expansão do negócio.

Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos produtores, destacam-se a falta de conhecimento dos seus direitos – como linhas de créditos específicas, não somente derivadas da esfera municipal, mas estadual e federal – além de conhecimentos técnicos para o manejo da produção e agregação de valor aos produtos.

Especificamente sobre a questão do crédito, verificou-se que alguns órgãos o disponibilizam, contudo, sem a devida transparência e um diálogo mais assertivo com os produtores. Dessa forma, a sugestão oferecida pelos pesquisadores aos produtores que participaram da pesquisa foi a nomeação de um representante que possa intermediar o diálogo entre os órgãos e os produtores, visando uma melhor relação e trocas de informações claras e transparentes.

Outro ponto a ser levantado neste trabalho como resultado da pesquisa se refere a como a atividade leiteira foi passada pelas gerações, criando um sentimento de pertencimento e de responsabilidade dos pais para os filhos durante anos. Embora não seja uma atividade puramente econômica, tendo em vista em moldes pouco sofisticados, traz meios de subsistência para as famílias e colaboradores que dela dependem nos municípios.

Os produtores foram incentivados a buscar outros caminhos e parcerias na realização das suas atividades, principalmente no que concerne ao apoio técnico-científico. A pesquisa demonstrou viabilidade de aproximação com o Instituto Federal Baiano, *campus* de Santa Inês, onde existe a oferta de três cursos de níveis técnicos que contemplam aspectos importantes para a produção leiteira: Técnico em Alimentos, Zootecnia e Agropecuária, e um no nível superior, qual seja, o curso de Zootecnia. Todos os cursos ofertados condizem com as atividades e, principalmente, se alinham com as necessidades dos produtores, e podem ajudá-los a contornar os principais entraves ao melhoramento e expansão de suas atividades.

O estudo constatou também que muitos produtores não têm nível superior de ensino, e muitos sequer chegaram a concluir o ensino médio. Isso implica em situações negativas no desenvolvimento da prática leiteira no Vale do Jiquiriçá, pois a baixa escolaridade gera efeitos negativos na inserção do cidadão na sociedade, e contribui para seu afastamento do Estado. No que se refere aos produtos, o intercâmbio entre os conhecimentos produzidos no IF Baiano e o conhecimento empírico dos produtores poderia ser de grande utilidade para o incremento de práticas produtivas mais eficientes e eficazes que levassem ao desenvolvimento da região.

Nesse sentido, este estudo reforça a importância da participação das IES no auxílio às atividades do Território de Identidade Vale do Jiquiriçá. Como sugestões, recomenda-se a criação de programas e atividades que consigam atingir, de forma positiva, todos os agentes envolvidos – técnicos, professores, estudantes, produtores e comerciantes dos municípios – visando incentivar a prática leiteira de forma econômica, sustentável e social respeitando as normas vigentes. Essa colaboração contribuiria para a melhoria e o conhecimento partes envolvidas, e poderia ocasionar benefícios multilaterais na “quebra” da barreira entre a IES e a comunidade externa.

Este trabalho também explicita um diagnóstico para os tomadores de medidas de políticas públicas ao se apresentar como um material que pode ser utilizado largamente para a implementação de processos e ações dentro do território de forma estratégica. Assim, esta pesquisa pode auxiliar os tomadores de decisão na tarefa de construir intervenções vantajosas para o estímulo ao desenvolvimento local/regional dos municípios e os desdobramentos em mais setores e áreas, colaborando para a mitigação de disparidade de informações acerca das regiões.

Em virtude das limitações desta pesquisa, que não conseguiu alcançar um número maior e mais homogêneo de produtores, bem como seu recorte em três municípios do território do Vale do Jiquiriçá, é importante que outros estudos sejam desenvolvidos no intuito de verificar e aprofundar as questões levantadas e constatadas, bem como a inclusão de novas variáveis. Como exemplo, seria útil um estudo da participação familiar na prática leiteira que considere e articule fatores como tempo, renda e distribuição da atividade leiteira no Vale do Jiquiriçá.

Ademais, é necessário um estudo/acompanhamento, a longo prazo, da evolução do território que considere a prática leiteira como um instrumento de desenvolvimento local em suas correlações com o contexto em que se desenvolve, considerando as variáveis que não foram suficientemente exploradas aqui.

## Referências

ALVES, L. R.; STAPECHEN, L. A. P.; PORCÉ, M.; PARRÉ, J. L. Atividade leiteira no Paraná: uma análise espacial e econométrica Redes. **Revista do Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 25, n. 2, p. 2432-2453, 2020.

ALVES, M. **Introdução à Investigação Quantitativa e Análise Spss**: Investigação em administração e gestão educacional. Lisboa: Universidade Aberta, 2022.

ANDRADE, R. W. de. **Práticas de ordenha para assegurar produto de qualidade**. 2014. Relatório de Estágio (Zootecnia) - Universidade Federal de Goiás– UFG, Regional Jataí, Jataí, 2014.

BACCHI, M. D. **Análise espacial da produção de leite no Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2019.

BASSOTTO, L. C.; LOPES, M. A.; BRITO, M. J. de; BENEDICTO, G. C. de. Eficiência produtiva e riscos para propriedades leiteiras: uma revisão integrativa. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 60, n. 4, 2022.

BELO, E. M. C. P. **Gestão do Processo de Formulação, Implementação e Avaliação da Política Pública de Cooperação para o Desenvolvimento - Análise na Perspectiva da Governança**. 2017. Tese (Doutorado em Administração Pública) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para Dourados, MS, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 18, n. 1, p. 3-15, jan./mar. 2017.

CASARI, P.; TORMEM, P. Atividade leiteira, agricultura familiar e desenvolvimento regional: estudo de caso da Linha Tormem, Chapecó – SC. **Revista Estudos do CEPE**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p.139-171, jul./dez. 2011.

CEPAL. **Perspectivas de la Agricultura y del Desarrollo Rural en las Américas: una mirada hacia América Latina y el Caribe**. San José, Costa Rica, 2021. Disponível em: <https://repositorio.cepal.org/server/api/core/bitstreams/ec3e9a9f-593e-4c55-85a3-b5eefbeca839/content>. Acesso em: 19 out. 2023.

COLEGIADO TERRITORIAL DO VALE DO JIQUIRIÇÁ. **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PTDRSS do Vale do Jiquiriçá**. Disponível em: [https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/PTDS\\_Territorio\\_Vale\\_do\\_Jiquirica.pdf](https://www.seplan.ba.gov.br/wp-content/uploads/PTDS_Territorio_Vale_do_Jiquirica.pdf). Acesso em: 15 ago. 2023.

CONCEIÇÃO, F. C. da. Multifuncionalidade e Pluriatividade Rural: Uma revisão bibliográfica. **Revista Tocantinense de Geografia**, Palmas, v. 9, n. 18, p. 103–112, 2020.

CORREIO, L. P. de F. O uso da inovação tecnológica na agricultura familiar e a relação com a sustentabilidade em Ouro Verde do Oeste. **Revista Administração de Empresas**, Curitiba, Centro Universitário Curitiba - Unicuritiba, v. 2, n. 24, p. 18-46, 2021.

COSTA, D. P. *et al.* Aptidão Pedológica do Território de Identidade do Vale do Jiquiriçá-Ba para Produção Agrícola Cacaueira. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., 2012, Uberlândia. **Anais [...]**. São Paulo: UFU, 2012. p. 1-21.

DOMINGUES, M. P. T. S. **A avaliação do desenvolvimento local segundo a perspectiva das entidades de Economia Social - Uma proposta da Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local**. 2021. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Beira do Interior, Covilhã, 2023.

DORREGÃO, V. V.; SALVARO, G. I. J.; ESTEVAM, D. O. Contribuições da atividade leiteira para o desenvolvimento rural e para a reprodução da agricultura familiar em um município do sul catarinense. **Interações**, Campo Grande, v. 20, n. 3, p. 973–985, 2019.

ELIZALDE, A. Desarrollo a Escala Humana: conceptos y experiencias. **Interações**, Campo Grande, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2016.

EMBRAPA. **VISÃO 2030: o Futuro da Agricultura Brasileira**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Brasília, DF, 2018.

EURICH, J.; WEIRICH NETO, P. H.; ROCHA, C. H. Pecuária leiteira em uma colônia de agricultores familiares no município de Palmeira, Paraná. **Revista Ceres**, Viçosa, v. 63, n. 4, p. 1-9, jul./ago. 2016.

FAO. Portal lácteo. **El desarrollo del sector lechero**. Disponível em: <https://www.fao.org/dairy-production-products/socio-economics/dairy-development/es/>. Acesso em: 18 out. 2023.

FERNANDES, N. B. *et al.* Capacidade de uso das terras na bacia hidrográfica do Jiquiriçá, Recôncavo Sul da Bahia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 11, n. 34, p. 105-122, 2010.

FLORES, C. D. **TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE NA BAHIA: Saúde, Educação, Cultura e Meio Ambiente frente à Dinâmica Territorial**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

GENOVEZ, D. S. *et al.* Juventudes rurales: una perspectiva del trabajo agrícola desde sus actores. **Convergencia**, Ciudad del México, v. 29, p. 1-13, 2022.

GLOBAL DAIRY PLATFORM. **El papel de la lechería en el desarrollo socioeconómico**. Material didático (slide). Disponível em: <https://iica.int/sites/default/files/2020-08/3%20-%20El%20Papel%20de%20los%20L%C3%A1cteos%20en%20el%20Desarrollo%20Socioecon%C3%B3mico%20Reyes%202020.pdf>. Acesso em 17 ago. 2023.

GOIS, G. R.; MIGUEL, L. A. The role of agriculture and non-agricultural labor in the socioeconomic reproduction of quilombola families in the Serra dos Tapes region, Rio Grande do Sul, Brazil. **Eutopia**. Revista de Desarrollo Económico Territorial, Ecuador, n. 15, p. 169-191, 2019.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01 de jul. 2023.

IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/ubaira.html>. Acesso em: 18 de ago. 2023.

IBGE. **Pesquisa da Pecuária Municipal - PPM**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9107-producao-da-pecuaria-municipal.html>. Acesso em: 20 de ago. 2023.

LIMA, A. dos S.; GERMANI, G. I. Permanencia campesina y agroindustria: conflicto territorial de laproducción agrícola em el Valle Jiquiriçá-BA. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA/ SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA E JORNADA DE GEOGRAFIA DAS ÁGUAS. 7., 2013, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2013. p. 1-24. Disponível em: <https://geografar.ufba.br/lima-aline-dos-santos-germani-guimar-inez-permanencia-campesina-y-agroindustria-conflicto>. Acesso em: 08 abr. 2022.

LIMA, J. R. O. Economia popular e solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela comunidade organizada. In: ESTIVILL, J.; Balsa, C. **Economia local, comunitária e solidária: o desenvolvimento visto de baixo**. Lisboa: Edições Húmus, 2022.

LIMA, T. **Segurança Alimentar e Relações Internacionais**. Joao Pessoa: Editora UFPB, 2019.

MAX, N. M.; ELIZALDE, A. Y.; HOPENHAYN, M. **Desarrollo a Escala Humana, em Development Dialogue**. Uppsala: Fundación Dag Hammarskjold, 1986.

OKANO, M. T.; VENDRAMETTO, O.; SANTOS, O. S. dos. Construção de indicadores e métodos para a classificação de produtores de leite para melhoria do desempenho dos sistemas de produção. **Revista GEPROS**, Bauru, v. 1, n. 4, p. 1-16, 2013.

ONU. **Food and agriculture organization of the united nations. gateway todairy production and products**. Disponível em: <http://www.fao.org/dairy-production-products/en/#.V3AZwbgrLIV>. Acesso em: 20 dez. 2023.

GEOGRAFAR. **Identidade Territorial Vale do Jiquiriçá, Bahia, Brasil**. Material didático (slide). Disponível em: [https://www.rimisp.org/wp-content/files\\_mf/1363012340PPTEncuentro2010JiquiricaBrasil\\_11\\_rimisp\\_cardume.pdf](https://www.rimisp.org/wp-content/files_mf/1363012340PPTEncuentro2010JiquiricaBrasil_11_rimisp_cardume.pdf). Acesso em: 17 ago. 2023.

SEAGRI. **Desenvolvimento Agrícola**. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SEAGRI. **Nota técnica**. Disponível em: [http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/not\\_notatecnica leite.pdf](http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/not_notatecnica leite.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.

SECRETARIA DE CULTURA. **09 | Vale do Jiquiriçá**. Disponível em: [http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/01\\_divisao\\_territorial\\_2/09\\_Vale\\_jiquirica.pdf](http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/01_divisao_territorial_2/09_Vale_jiquirica.pdf). Acesso em: 18 ago. 2023.

SECRETARIA DE CULTURA DA BAHIA. **Divisão Territorial da Bahia**. Territórios de Identidade. Disponível em: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=314>. Acesso em: 17 out. 2023.

SEI. **Estatísticas dos municípios baianos**: Território de Identidade Vale do Jiquiriçá. Salvador, v. 17, n.1, 2011.

SETAF. **Produtores de leite do Vale do Jiquiriçá recebem visita técnica para diagnóstico de gestação do rebanho**. Disponível em: <https://jornalgrandebahia.com.br/2020/05/produtores-de-leite-do-vale-do-jiquirica-recebem-visita-tecnica-para-diagnostico-de-gestacao-do-rebanho/>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SILVA, O. A. da. **Políticas públicas e planejamento territorial**. Feira de Santana: Editora Zarte, 2018.

Recebido em: agosto de 2023  
Aceito em: junho de 2024